



espaço livre

Narrativas poéticas

FLÁVIA BERNARDI¹

A forma de perceber, sentir e narrar a realidade está intimamente ligada às vivências particulares de cada um. Frente à mesma imagem - como a acima - não raro uns enxerguem uma pessoa indo, outros, alguém voltando... Há quem enxergue outra pessoa na imagem, ao fundo, e quem enxergue apenas um sujeito parado - perdido ou encontrado, seguro ou amedrontado, na névoa. Para alguns, trata-se de um crepúsculo; para outros, um entardecer; um possível encontro ou uma provável despedida; a boa liberdade de andar sozinho por aí ou a dor dilacerante da solidão. Enfim, cada um narra sua história e sua perspectiva a partir daquilo que inscreveu (e foi inscrito) no seu psiquismo.

Walter Benjamin, quando no seu texto *O Narrador*, traz a importância da narrativa e o atual declínio da arte de contar - que se dá exatamente pela perda da experiência compartilhada -, ele nos fala também de desencontros... Afinal, a narrativa do narrador vai falar das experiências coletivas, daquilo que foi vivido justamente no (e pelo) encontro com o outro. Se na contemporaneidade a narrativa foi substituída pela informação jornalística e pelo romance (enquanto gênero literário) que tem como objeto a experiência individual, podemos pensar num certo desencontro do sujeito com sua própria história e consigo mesmo.

Em meio a sua vasta obra, Freud usa a expressão "fósseis de referência", que remete às construções feitas na narrativa de uma análise.



No texto *Romances Familiares*, ele diz que será nesses traços iniciais que o sujeito vai se apoiar para narrar a sua história.

É sobre esses traços que restam das lembranças (e fantasias) dos pais e vivências da infância, que as pessoas se apoiam para criar seus "romances"... bem como para criar suas narrativas. A psicanálise situa o sujeito no campo do desejo inconsciente a partir das narrativas que são produzidas e compreendidas numa análise

¹ Crédito Imagem: <https://petmaya.com/20-incredible-interesting-pics-ep2> - Avenida de Los Baobabs, Floresta Nacional.



(narrativas estas que são compostas por restos). Fragmentos que foram gerados por um encontro pretérito e serão desvendados, ressignificados por outro encontro atual; numa narrativa que não encerre o sujeito, ao contrário: que suscite aberturas para que emergja um novo.

Benjamin parece querer resgatar as narrativas leves - importantes por possibilitarem o mergulho na vida tanto de quem narra quanto de quem escuta...

Penso que toda a teoria psicanalítica é uma elaboração poética do que é insondável na experiência humana. E que toda a fala é poética também: vale pelo que revela e também pelo que consente continuar resguardado.

Escutar a poesia única, presente em cada narrativa, exige, antes de tudo, respeito e delicadeza.

Freirando a Psicanálise



SUELI SOUZA DOS SANTOS

Quando este boletim for publicado, já teremos passado pelo **importante e festejado dia 19 de setembro**, em que comemoramos **os 100 anos de Paulo Freire**, patrono da educação no Brasil e, seguramente, o maior educador deste século. No seu centenário de nascimento, foi homenageado e reverenciado pelo mundo inteiro, tamanha repercussão de seu método revolucionário e libertador de alfabetização. Sua pedagogia da emancipação provocou em todos os continentes o despertar da consciência, o prazer pela leitura, pelos livros, pelas ideias. Ele instigava, com seu respeito a todas as formas de saberes, as pessoas que passavam por sua práxis e cuidado.

Freire aprendia e ensinava. Ele compartilhava, em cada cultura, o respeito às realidades e circunstâncias, o processo de alfabetização levando em conta as pessoas em suas possi-

bilidades. A sala de aula podia ser embaixo de uma árvore, em uma tenda, em um galpão de engenho, onde houvesse alguém com vontade de aprender a ler. Por isso, a alfabetização iluminava os caminhos do entendimento de si e do mundo, de todas as pessoas.

Freire acreditou que as camadas menos favorecidas das populações, independente de sua idade, cor, religião ou classe social, podiam e podem ascender ao conhecimento e ao pensamento crítico. Sem deixar de ser rigoroso em seu método de trabalho, era sensível às realidades das pessoas, respeitoso dos saberes do cotidiano e de suas formas de expressar suas inquietações e peculiaridades de idioma, entonação, sotaques, enfim o que é da singularidade de cada sujeito. Ele aprendia uma nova língua com cada falante que encontrava na academia ou fora dela.